



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DLI

RENATA NUNES DE OLIVEIRA

OS PROVISÓRIOS, CONTOS DE HELENA PARENTE CUNHA
SOB O VIÉS CRÍTICO FEMINISTA

ITABAIANA-SE

2024

Renata Nunes de Oliveira

OS PROVISÓRIOS, CONTOS DE HELENA PARENTE CUNHA
SOB O VIÉS CRÍTICO FEMINISTA

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
apresentado como um dos requisitos para
a conclusão do curso de Letras
Licenciatura do campus Itabaiana, da
Universidade Federal de Sergipe (UFS).
Orientadora: Prof.a Dra. Christina
Bielinski Ramalho.

Itabaiana/SE

Março 2024

RENATA NUNES DE OLIVEIRA

***OS PROVISÓRIOS, CONTOS DE HELENA PARENTE CUNHA SOB O VIÉS
CRÍTICO FEMINISTA***

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe – Campus Professor Alberto Carvalho, em 26 de março de 2024.

Orientadora: Prof.a Dra. Christina Bielinski Ramalho.

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dra. Christina Bielinski Ramalho.

Universidade Federal de Sergipe

Orientadora – Membro interno

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira

Colégio Pedro II (Unidade Duque de Caxias, RJ)

Avaliador externo

A Deus e aos que não me deixaram só durante esta jornada, dedico as próximas páginas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, por sempre ser a minha força e por não me deixar desistir dessa jornada.

A minha querida orientadora, a Prof.a Dra. Christina Bielinski Ramalho, por toda a ajuda, incentivo, carinho e paciência durante a construção deste trabalho. Você é luz!

A minha família por todo o suporte e torcida para que tudo deixasse de ser um sonho e se tornasse realidade.

Aos meus queridos/as amigos/as que tornaram a jornada árdua da universidade muito mais leve. Vocês foram essenciais para que tudo se concretizasse.

A todos os/as queridos/as professores/as que passaram pelo meu caminho durante toda a minha jornada acadêmica e depositaram confiança e incentivo em mim. Muito Obrigada, vocês são especiais!

CORPO NO CERCO
(Do livro Corpo no cerco, 1978)

os quatro pontos do globo
os quatro cantos do céu
as quatro esquinas do quarto
o corpo todo travado
no olhar cicatrizado

nas mãos as chaves
oxi(sol)dadas
onde as portas
(de sair aonde?)
onde o norte
só desnorte
mais o leste sem oeste

os meus membros quatro exatos
quatro minhas as paredes
cerco do corpo no quarto
meu corpo cortado em quatro

Helena Parente Cunha

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma leitura crítica dos contos “O pai”, “Noite de núpcias” e “Festa de casamento”, que integram a obra *Os provisórios* (1980), da autora baiana Helena Parente Cunha. Baseada nos conceitos crítico-feministas, a abordagem consistirá na análise detalhada do que há nas linhas e entrelinhas de cada conto mencionado, bem como um olhar mais amplo para a obra, buscando constituir a unidade de sentido pretendida pela autora no livro. Teremos como bases principais os estudos de Dutra (2006), Garcia (2015), Goulart (2003), Habigzang et al (2008), Leiro (2003), Lima e Oliveira (2021), Santos (2022), Souza (2011) e Zinani (2011) e (2012). Esperamos, com esta abordagem, expandir o horizonte dos leitores e das leitoras das obras de autoras que buscam denunciar, por meio de seus contos, as mazelas sofridas por mulheres através dos tempos, sem, contudo, deixar de dar realce ao trabalho estético com a linguagem.

Palavras chaves: Helena Parente Cunha, *Os provisórios*, Crítica feminista, contos.

ABSTRACT

This work presents a critical reading of the short stories “O pai”, “Wedding night” and “Wedding party”, which are part of the work *Os provisórios* (1980), by Bahian author Helena Parente Cunha. Based on critical-feminist concepts, the approach will consist of a detailed analysis of what is in the lines and between the lines of each story mentioned, as well as a broader look at the work, seeking to constitute the unity of meaning intended by the author in the book. Our main bases will be the studies by Dutra (2006), Garcia (2015), Goulart (2003), Habigzang et al (2008), Leiro (2003), Lima and Oliveira (2021), Santos (2022), Souza (2011) and Zinani (2011) and (2012). We hope, with this approach, to expand the horizon of readers of the works of authors who seek to denounce, through their stories, the ills suffered by women throughout time, without, however, failing to highlight the aesthetic work with language.

Keywords: Helena Parente Cunha, *Os provisórios*, Feminist criticism, short stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- APRESENTAÇÃO DE <i>OS PROVISÓRIOS</i>	14
2- A CRÍTICA FEMINISTA.....	22
3- ANÁLISE DE TRÊS CONTOS DE <i>OS PROVISÓRIOS</i>	27
3.1- “O PAI”.....	28
3.2- “NOITE DE NÚPCIAS”.....	34
3.3- “FESTA DE CASAMENTO”.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Assim como a dança, pintura, escultura, teatro, cinema e fotografia a literatura é uma arte na qual permite que o ser humano sinta experiências sem que as tenha vivenciado. Sendo assim, ela se torna um meio de comunicação que repassa conhecimento e cultura, que permite o reconhecimento do período em que foi escrita, expondo características e levando à reflexão sobre nós mesmos. [...] Um dos papéis da arte na vida social, conforme pensamento de Samuel (1985), é a formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo (Ribeiro; Moreschi; Ribeiro, 2012, p. 3).

A literatura, no geral, desempenha um papel de suma importância em relação ao desenvolvimento de uma sociedade. Por meio dela, é possível conhecer e reconhecer comportamentos errados, que no geral são ignorados ou naturalizados pelos sujeitos. Isso é possível porque a literatura oferece uma lente penetrante que permite examinar e questionar as injustiças que permeiam os ambientes sociais. Por meio da palavra, os autores têm o poder de explorar temas complexos e sensíveis, destacando questões como desigualdade, discriminação e opressão. Permitindo, desta maneira, dar voz aos marginalizados, proporcionando que experiências muitas vezes silenciadas sejam compartilhadas e compreendidas. No gênero literário *Conto* não é diferente, por ser um gênero narrativo conciso, é muito atrativo aos leitores e leitoras. Isso faz com que esse gênero literário seja uma ferramenta muito utilizada para trabalhar temas importantes e recorrentes na sociedade, como acontece na coletânea *Os provisórios*.

Nesse sentido, o presente trabalho consiste em adentrar na obra *Os provisórios*, da autora Helena Parente Cunha, com enfoque nos três contos “O pai”, “Noite de núpcias” e “Festa de casamento”. A análise será realizada sob um viés crítico feminista, uma vez que há temáticas voltadas para as questões de gênero na obra.

A ideia desta pesquisa surgiu após a minha orientadora, Prof. Dr^a Christina Ramalho, apresentar-me a obra já citada, *Os provisórios*. Após a leitura dos contos pude identificar que a autora em foco aborda temas que me despertam grande interesse, como as questões sobre a submissão da mulher, o machismo, a violência doméstica, a busca feminina pelo seu lugar na sociedade, dentre outras temáticas que transitam pelo viés crítico feminista.

Além da obra, é necessário tomar conhecimento de sua autora: Helena Parente Cunha, nasceu em Salvador, Bahia, no ano de 1929. Em 1958 se mudou para o Rio de Janeiro, onde dez anos depois publicou sua primeira obra: o livro de poemas *Corpo no Cerco* (1968). Além disso, foi professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ), escreveu contos, poemas, romances, ensaios, dentre outras contribuições.

Vejam como Santos se refere à estética da autora:

Como características de Helena Parente Cunha, Brasil postula a maneira com que ela emprega nos contos aspectos como: fluxo de consciência, monólogos interiores, estruturas semânticas e visuais diferenciadas e automatismo; porém, destaca que tais características direcionam o leitor a pensar que a obra pertence a uma esfera comum de escritos literários (Santos, 2022, p. 46).

Para mais, segundo Murilo Melo Filho, Helena é “uma admirável produtora de versos, inspirada, reflexiva, rítmica, emotiva e sentimental” (Carvalho, 2016, p. 29). Como já mencionado, a autora escreveu diversas obras, dentre elas estão as obras poéticas: *Corpo no cerco* (1968); *Maramar* (1980); *Além de estar* (2000); *O outro lado do dia: poemas de uma viagem ao Japão* (1995); *Cantos e cantares* (2005); *Poemas para a amiga e outros dizeres* (2014); *Hora de fogo: poemas em combustão* (2017); os livros de contos *Os provisórios* (1980); *Cem mentiras de verdade* (1985); *A casa e as casas* (1996); *Vento, ventania, vendaval* (1998); *Falas e Falares: Minicontos* (2011); e os romances *Mulher no espelho* (1982); *As doze cores do vermelho* (1989); *Claras manhãs de Barra Clara* (2002); O livro infantil *Marcelo e seus amigos invisíveis* (2003), além de inúmeras obras de crítica literária.

Vale retomar que, neste estudo, vamos analisar de maneira individual e também como unidade geral de sentido os contos “O pai, “Festa de casamento” e “Noite de núpcias”, através de um olhar baseado na crítica feminista, com intuito de expandir os horizontes dos leitores e das leitoras dos contos de Helena Parente Cunha, no que diz respeito à compreensão da unidade de sentido de seus textos, uma vez que se sabe que as obras narrativas da autora baiana contemplam:

[...] a multiplicidade e os aspectos simbólicos, metafóricos, que abarcam modos de compreensão, de ser e de ver o feminino: por um lado, convocamos a percepção do corpo físico e biológico, concreto e tangível, talvez como a base visível que constrói textos, relatos, sentidos da mulher e a atribuição de papéis sociais, culturais, políticos, éticos, históricos, estéticos, etc. (Lima e Oliveira, 2021, p. 284).

Em outras palavras, Lima e Oliveira (2021) fazem menção aos diversos sentidos que estão implícitos dentro das narrativas de Parente Cunha, e para um completo entendimento do significado ou da crítica que a autora traz em seus textos, é necessária uma análise minuciosa desses aspectos. Para tal, é fundamental compreendermos as temáticas abordadas nos contos que aqui mais nos interessam. Encontramos, nas narrativas escolhidas, a atribuição de papéis sociais com enfoque no gênero do indivíduo, recaindo sobre a figura da mulher, na maioria dos casos, o papel de submissa.

Para além disso, este trabalho objetiva sensibilizar os leitores e as leitoras em relação às denúncias e críticas existentes nos contos de Helena Parente Cunha, assim como em contos de outras autoras que utilizam as obras literárias como ferramenta de denúncia. Para perceber a profundidade das abordagens da autora, é imprescindível que os leitores e as leitoras possuam uma certa sensibilidade no que diz respeito à importância da luta feminista, pois, somente dessa forma, conseguirão compreender os símbolos existentes nas entrelinhas das obras que abordam essas questões.

Como se sabe, a crítica feminista tem como foco analisar e questionar as estruturas sociais, culturais e políticas que contribuem para a desigualdade de gênero. Seu intuito é entender as razões que fizeram as mulheres ocuparem determinadas posições durante a história da humanidade, bem como avaliar os motivos de elas não terem oportunidades de ocupar outras colocações. Desse modo, a crítica feminista trabalha fazendo com que haja, cada vez mais, conscientização sobre questões relacionadas aos direitos das mulheres. Portanto, este trabalho levará como base a linha de pensamento acima, que será desenvolvida em um capítulo adiante.

A presente pesquisa conta com uma abordagem combinada de métodos quantitativos e qualitativos. O primeiro se concentra na leitura e na discussão de textos teóricos, que fazem relação com o gênero conto, com a crítica literária e a crítica feminista. Enquanto o segundo se concentra na interpretação e na reflexão acerca do que está explícito e implícito nos contos analisados.

Para o desenvolvimento das análises, os textos teóricos que nortearam o estudo foram Goulart (2003), que aborda, de maneira geral, a forma concisa e não fragmentada do conto, demonstrando que, assim, o gênero alcança um lugar de prestígio e não cai no desuso. Zinani (2011) e (2012), por sua vez, traz textos muito completos no âmbito da crítica literária e da crítica feminista. Já Santana (2013) faz uma análise freudiana do conto “O pai”, e analisa, de maneira mais completa, a obra de Helena Parente Cunha. Lima e Oliveira, em seu artigo (2021), versa sobre narrativas do “corpo feminino”, numa perspectiva de compreensão da diversidade de significações e formas, enquanto discurso e linguagem, ampliando a compreensão de ‘corpo’ para sua multiplicidade de sentidos e de formas de constituição, enquanto discurso e objeto atravessado pela discursividade e pela linguagem. Leiro (2003), por sua vez, explora nas narrativas de Helena Parente Cunha e Sonia Coutinho o tema “família”, “[...] já que é reiteradamente o espaço revisitado pelas personagens das narrativas com abordagem feminista das

relações de gênero” (Leiro, 2003, p.5). Souza (2011) apresenta um estudo da representação de mulheres em contos de autoras da literatura brasileira contemporânea. Dentre outros textos que auxiliaram na pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho é realizar uma leitura analítica dos contos “O pai”, “Noite de Núpcias” e “Festa de casamento”, de Helena Parente Cunha, à luz da crítica feminista. Já os objetivos específicos são: promover um diálogo com a fortuna crítica da autora, destacar traços da sua estética e explorar as questões de gênero que existem em alguns contos da obra.

Em termos estruturais este trabalho apresenta três capítulos. O primeiro, intitulado “Apresentação de *Os provisórios*”, consiste na apresentação da obra. Neste capítulo vamos expor características gerais e específicas do livro, demonstrando o viés feminista que há nele. Em seguida, teremos o capítulo “A crítica feminista” em que apresentaremos como surgiu essa corrente crítica literária e qual sua importância geral para os estudos literários. Por fim, teremos o capítulo “Análise de três contos de *Os provisórios*”, que contará com três subtítulos, sendo eles “O pai”, “Noite de núpcias” e “Festa de casamento”. Assim, cada subtítulo trará a análise detalhada do conto em questão, com intuito de explorar os detalhes das narrativas, dando enfoque às questões de gênero.

A partir do que será exposto nesta pesquisa, espera-se contribuir de maneira significativa para o enriquecimento da fortuna crítica da autora Helena Parente Cunha, ajudando a guiar os leitores e as leitoras da autora de modo a terem um olhar mais atento às questões de gênero presentes em seus contos.

1. APRESENTAÇÃO DE *OS PROVISÓRIOS*

A obra que é o corpus para este estudo, *Os Provisórios*, é o primeiro livro de contos da autora Helena Parente Cunha e foi publicada no ano de 1980. O livro possui trinta contos, sendo que boa parte deles apresenta protagonistas do sexo feminino e contêm temáticas voltadas às questões de gênero. Para este estudo, o que mais nos interessa é entender que, como afirma Lima e Oliveira (2021), *Os Provisórios* é um conjunto de contos que retrata de forma vívida um universo feminino em conflito com normas e expectativas.

Nesse viés, o livro apresenta narrativas nas quais as mulheres se encontram subjugadas pelas mais diversas razões, encontrando-se em papéis pré-determinados, enquanto, simultaneamente, destaca a resistência de corpos femininos que buscam contar sua própria história, embora ainda não tenham conseguido romper completamente com as restrições impostas, permanecendo em um estado provisório de construção. Para além disso, nesse primeiro momento vamos conhecer de maneira completa e geral a composição da obra.

É importante termos um olhar minucioso em relação aos títulos dos contos encontrados, uma vez que isso é uma importante estratégia para nos situarmos e compreendermos cada narrativa. É possível notar que a maioria dos títulos seguem um padrão em que temos a construção: artigo + substantivo; outros são constituídos por nomes de pessoas (especificamente nomes femininos) e os demais são formados por construções variadas. Vejamos a tabela a seguir em que as nomenclaturas dos contos são expostas:

Títulos constituídos por artigo + substantivo	Títulos com nomes de pessoas	Títulos com outras construções
O pai	Maria das dores	O triângulo mais que perfeito
A despedida	Julieta	Noite de núpcias
A vergonha	Juliana	O moço bonito
Os provisórios		A mulher e os pombos
O bancário		Tragédia
O diretor		O olho roxo

A contramão		Festa de casamento
A dívida		Amor de filha
A funcionária		O anel (anel?)
A mãe		
O alpiste		
A família		
O chefe		
A tia		
O garagista		
O noivado		
A homenagem		
O coronel		

É importante que leitores e leitoras estejam atentos/as ao título de cada conto, pois ele desempenha um papel crucial, despertando curiosidade e fornecendo uma pista sutil sobre o que esperar da narrativa, provocando impacto no que diz respeito à recepção do texto. Nesse sentido, um conto que possui um título com o nome de uma personagem nos conduz a mergulhar no texto buscando-a, pois desperta em nós a curiosidade sobre ela e sua importância na história. Com os substantivos concretos, o processo é parecido. Isso se vê quando analisamos títulos como “O bancário” e “A funcionária”, pois de imediato ficamos curiosos para descobrir mais sobre esses indivíduos, já os imaginando dentro de um contexto profissional.

Já um conto que possui um substantivo abstrato na constituição do título tem uma dimensão mais ampla, ou seja, leitores e leitoras adentram a narrativa sem muita certeza do que vão encontrar, mas, de certa forma, acaba criando a expectativa de que a narrativa verse sobre aquele assunto, só não ficando claro como isso acontecerá, como notamos nos títulos “A vergonha” e “Os provisórios”. Essas observações são indispensáveis para que se possa ler os contos de Parente Cunha com um olhar mais aguçado.

Além dos títulos, é necessário que conheçamos outros elementos importantes dos contos de *Os provisórios*. Dessa necessidade, brotam questões como: quem são as personagens protagonistas dessas histórias?; quem narra esses contos?; e,

principalmente, quais são as temáticas exploradas pela autora na coletânea? Para responder a essas perguntas, preparei a tabela abaixo, que apresenta, de forma geral e concisa, três aspectos importantes de cada conto: tema, protagonista e tipo de narrador:

Título	Tema	Protagonista	Tipo de narrador
O pai	O controle paterno	Mulher	Onisciente
O triângulo mais que perfeito	Dependência emocional no casamento	Mulher	Discurso direto
O anel (anel?)	Violência de gênero	Mulher	Observador
A vergonha	A convivência tóxica	Menina	Onisciente
Maria das Dores	Casamento e sociedade	Mulher	Onisciente
A dívida	Assédio infantil	Mulher	Onisciente
A mãe	Gravidez psicológica	Mulher	Discurso direto
A tia	Virgindade e casamento	Mulher	Observador
O olho roxo	Violência doméstica	Mulher	Discurso direto
Festa de casamento	Ruptura feminista	Mulher	Discurso direto
Noite de núpcias	Abuso infantil	Mulher	Discurso direto
A despedida	Casamento e sofrimento	Mulher	Observador
Amor de filha	Amor obsessivo	Mulher	Onisciente
A mulher e os pombos	A fragilidade da vida	Mulher	Observador
Juliana	Amor entre avô e neta	Avô/neta	Observador
Os provisórios	A invisibilidade dos moradores de rua	Mendigos	Observador
O bancário	Compulsão pelo trabalho	Homem	Onisciente
O diretor	Preconceito e suas consequências	Homem	Observador
O chefe	Descontrole emocional	Homem	Discurso direto
O alpiste	Egoísmo humano	Mulher	Observador
Julieta	Perda	Cágado	Personagem
O garagista	trabalho e realidade	Homem	Discurso direto
A contramão	Rotina e saúde mental	Homem	Discurso direto
O coronel	Abuso de autoridade	Homem	Discurso direto

O moço bonito	Amor e convenção	Mulher	Personagem
O noivado	Amor na infância	Menina	Discurso direto
Tragédia	Fim de relacionamento amoroso	Mulher/ homem	Observador
A homenagem	Infância e ansiedade	Mulher	Observador
A funcionária	Cotidiano	Mulher	Discurso direto
A família	Destruição da família	Mãe, pai e filho	Observador

Podemos observar que a autora, em seus contos, aborda desde problemáticas de dimensão social até histórias do cotidiano de um indivíduo. No entanto, como anunciei na Introdução, o enfoque deste trabalho está voltado às problemáticas envolvendo as mulheres. Assim, observarei o quadro a partir desse enfoque. O quadro nos possibilita constatar que existem vários contos que trabalham com problemáticas sofridas pelas mulheres. A título de exemplos, temos as narrativas: “O pai”, “O triângulo mais que perfeito”, “O anel (anel?)”, “Maria das Dores”, “A dívida”, “Noite de núpcias”, “Festa de Casamento”, “O olho roxo” e “A tia”. Contos que abordam essas questões são necessários, pois ajudam a ampliar a conscientização sobre a realidade da mulher no contexto social. Dessa maneira, incentivam a empatia e a reflexão sobre questões de gênero, contribuindo, de certa forma, para a construção de uma sociedade mais igualitária, pois dá visibilidade a realidades muitas vezes marginalizadas. E é nesse contexto que pretendemos explorar algumas das narrativas de Parente Cunha.

Voltando para o livro em seu contexto geral, é importante refletirmos acerca de seu título: por que “Os provisórios”? Na obra, Helena traz como “provisórios” indivíduos que vivem debaixo do viaduto, ou seja, mendigos. No entanto, além deles, outros indivíduos que passam por situações que são ignoradas pela sociedade, se encaixam neste conceito criado pela autora, como podemos observar nas demais narrativas do livro. Como mencionado, os personagens chamados de “provisórios” são mendigos. No conto que possui esse mesmo título, fica evidente a precariedade da existência humana, e apesar de ser um texto breve, ele consegue retratar da dura e desoladora realidade de seres temporários, transitórios, que em conjunto vivenciam de maneira constante uma vida repleta de sofrimento e infelicidade.

Além disso, essa denominação também tem relação com a passagem efêmera da existência humana, dialogando com o ritmo das histórias do livro que são curtas e concisas, em um tempo que flui de forma simultânea. Como afirma Santos (2022, p.

45), “existe nos contos uma marcação breve de tempo que imprime a fugacidade diária das pessoas e suas passagens pela vida em meio a suas angústias e depreciações”. Dessa forma, a aflição de ontem se entrelaça com a aflição de hoje, sendo semelhantes e distintas, tanto individuais quanto coletivas. Assim como se lê na capa do livro, “os provisórios são as vítimas anônimas da condição de existir e de ser. São e passam” (Parente Cunha, 1990).

Ademais, o livro possui contos que apresentam narrativas sobre situações cotidianas, que normalmente passam despercebidas. Contos como “A Mulher e os Pombos” e “O bancário” parecem ter por intuito apenas representar o dia a dia da vida de um indivíduo comum, demonstrando os altos e baixos da jornada de seres humanos que geralmente não são percebidos.

Partindo para o lado estético da obra, podemos observar que em *Os provisórios* algo que chama a atenção é o uso de recursos técnicos como o monólogo interior, o fluxo da consciência, o automatismo verbal e as montagens semânticas. Assis Brasil, no prefácio da obra, afirma que essas técnicas seriam rotineiras já na época de publicação do livro. Nós nos deparamos, também, com narrativas sem pontuação como em “O bancário” e “A dívida”, o que pode criar uma sensação de fluidez e imersão na narrativa. Esse recurso não só intensifica a conexão emocional de leitores e leitoras com a narrativa, como também pode gerar ambiguidade e desafiar a interpretação, deixando espaço para diferentes interpretações da história.

Além disso, no prefácio da obra em questão, Assis Brasil elogia outras técnicas usadas por Parente Cunha, mais inovadoras do que as mencionadas anteriormente, que são o tempo e o plano poético. Sobre o recurso do “tempo”, Assis Brasil explica que, para evitar a limitação do monólogo de um único personagem e seu ponto de vista, Helena Parente Cunha utiliza a técnica de sobreposição de planos temporais. Essas sobreposições, muitas vezes, ocorrem em narrativas duplas, e criam um texto dentro de outro, enriquecendo a obra com maior complexidade técnica e verbal. Sendo assim, a linguagem literária e inventiva é destacada como o meio através do qual essas realidades sobrepostas se concretizam, capturando a fugacidade e a simultaneidade do tempo na narrativa. Podemos notar o uso desse recurso em “Noite de núpcias”, “A homenagem” e em “O pai”. Vejamos um trecho de “O pai”.

O pai parado na porta entre o quarto e agora. / O pai parado na porta, entre o triângulo e a buzina do carro. Quem é aquele desgraçado que lhe deu carona? São dez horas da noite no universo inteiro e tudo se transforma em triângulos exatos. / Pelo amor de Deus, pai, eu tenho quarenta anos, até quando você vai pedir satisfações de minha vida? Desculpe, pai, papaizinho, eu rasguei meu

vestido brincando no quintal, desculpe./O pai parado na porta, entre a boneca e a tarde./O pai parado na porta, entre a bengala e o catarro (Parente Cunha, 1990, p. 2-4).

Neste trecho do conto é possível notar que os planos temporais se misturam no decorrer da narrativa. Em alguns momentos a protagonista é uma mulher de quarenta anos, como podemos observar nessa passagem: “[...] Pelo amor de Deus, pai, eu tenho quarenta anos[...]”. Um pouco adiante notamos que ela é apenas uma criança, como na passagem “[...] Desculpe, pai, papaizinho, eu rasguei meu vestido brincando no quintal [...]” (Parente Cunha, 1990, p. 2). Diante deste exemplo, é possível constatar que o recurso sobreposição de planos temporais se torna um elemento interessante na narrativa, pois permite criar profundidade à trama. Isso ocorre pelo fato de que essa técnica possibilita acompanhar a evolução dos personagens ao longo do tempo, enriquecendo a experiência de leitura.

Já no recurso do “plano poético”, Assis Brasil explica que Parente Cunha utiliza predominantemente a técnica do ponto de vista, narrando a história através dos personagens. Além disso, a autora busca diversificar sua abordagem ao incorporar o plano poético. Essa diversificação ocorre tanto em termos semânticos, relacionados ao significado das palavras e expressões, quanto visualmente, sugerindo uma exploração de recursos poéticos não apenas no conteúdo, mas também na forma do texto. No nível semântico, temos “O anel (anel?)”, “Os provisórios” e “O alpiste”, já no nível visual, podemos destacar “A contramão”, “Noite de núpcias” e “A família”.

Esteticamente, dois contos que se destacam pela forma diferente que possuem são “Tragédia” e “A família”. No primeiro, o texto toma uma forma aparentemente desordenada, com linhas maiores que outras, criando um efeito que dialoga com a narrativa. Já no segundo, notamos a construção do texto em três colunas, recurso que também é utilizado, por exemplo, no romance *As Doze cores do vermelho* (que possui duas colunas).

Helena Parente possui uma vasta fortuna crítica relacionada a seus contos, como podemos constatar na dissertação de Lima (2006), intitulada “Perfis femininos nos contos de Helena Parente”; no artigo de Santana (2013), denominado “Uma reflexão freudiana acerca da personagem feminina de Helena Parente Cunha no conto ‘O pai’”; no artigo de Torres (2015) “Mulheres à deriva: relações de gênero nos contos ‘O pai’, de Helena Parente Cunha, e ‘A casa dos mastros’, de Orlanda Amarílis”; dentre diversos outros textos que carregam análises e reflexões acerca dos contos da autora em questão.

Assim, como já mencionado, a intenção desse trabalho é se somar a essas vozes que constituem a fortuna crítica de Parente Cunha, e ser uma linha a mais de análise para seus contos.

2. A CRÍTICA FEMINISTA

[...] Ao longo da história da sociedade ocidental, muitos discursos de legitimação da desigualdade entre homens e mulheres foram produzidos. A mitologia e as religiões são bons exemplos. Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão dos homens do Paraíso (Garcia, 2015, n.p).

Falar de crítica feminista é, antes de mais nada, falar de feminismo. A luta das mulheres por direitos iguais é antiga e árdua. Como Garcia menciona no excerto acima, até em alguns mitos e nas histórias bíblicas as mulheres são colocadas em uma posição negativa, sendo declaradas como responsáveis pela perdição de seu povo. Sem dúvidas, ideias como estas impregnaram o pensamento popular e, infelizmente, nós, mulheres, sofremos as consequências até os dias atuais.

Nessa perspectiva, de acordo com Zinani (2012), a crítica feminista surgiu por volta da segunda metade do século XX. A partir daí desenvolveu-se com dois objetivos: o primeiro é recuperar obras esquecidas escritas por mulheres, enquanto o segundo propõe que seja feita uma reinterpretação das obras literárias, com foco na experiência das mulheres com intuito de identificar a voz feminina e analisar traços de patriarcalismo presentes no texto, independentemente do gênero do autor. Marco crucial para reconhecer e valorizar as contribuições históricas das mulheres na literatura e em outras áreas.

Ainda levando em consideração as contribuições de Zinani (2012), sabe-se que o movimento feminista, no que diz respeito aos campos literário, cultural e político, pode ser dividido em três ondas. Sendo a primeira onda entre o século XIX e o século XX, quando as lutas das mulheres pelos direitos humanos e pelo direito ao voto começaram a ganhar mais proporção. No ano de 1792, Mary Wollstonecraft publicou a obra *A vindication of the rights of woman* (no Brasil, *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, 1832), na qual defendia o direito das mulheres no que diz respeito à educação e à igualdade de gênero, se tornando um imenso marco na literatura feminista. Ainda sobre a primeira onda feminista, Zirbel (2021) ressalta que neste período:

As mudanças políticas, jurídicas e trabalhistas que vinham ocorrendo na Europa no início da modernidade estabeleceram sociedades chamadas de democráticas que beneficiaram, no entanto, pequenos grupos de homens brancos e donos de propriedades em detrimento do restante da população. Tais grupos estabeleceram as regras dos mais variados setores sociais e

negaram a todas as mulheres a possibilidade de tomarem decisões em qualquer âmbito da vida social e, conseqüentemente, sobre suas próprias vidas (Zirbel, 2021, p. 12-13).

Consonante a essas injustiças, as mulheres ainda tiveram que lidar com o estabelecimento do capitalismo, que intensificou tanto o trabalho gratuito em casa, quanto a diferença salarial entre os sexos, visando lucros. Pois, a sociedade depende do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres, no entanto não aceita atribuir o valor que é merecido e necessário. Nesse cenário, as mulheres se viram obrigadas a intervir e começaram a formar, aos poucos, em alguns países, o movimento feminista, que ocorreu, em um primeiro momento, por meio de associações de mulheres, panfletos, publicações em jornais, manifestações, greves, congressos e passeatas.

A segunda onda teve como destaque a publicação da obra *O segundo sexo* (1949), de Simone Beauvoir. Nesta obra, a autora aponta os mitos e estereótipos sobre a mulher que escritores renomados apresentam em suas obras. Vejamos o que Zirbel (2021) acrescenta sobre a obra *O segundo Sexo*:

Nela evidenciava-se o fato de alguns intelectuais homens terem designado a si mesmos como representantes da humanidade e definido “a mulher” como algo diferente de si e inferior. Além disso, Beauvoir denunciava ser produto da dominação masculina aquilo que se acreditava ser a essência de uma mulher (Zirbel, 2021, p. 16).

Como apontado pela autora, a obra serviu como veículo de denúncia das injustiças cometidas contra as mulheres. A partir daí diversas outras autoras encontraram nos textos uma forma de espalhar o pensamento feminista e a luta a favor da igualdade de gênero. Ainda levando em consideração os estudos de Zirbel (2021), logo após a segunda guerra mundial, depois de muita pressão das mulheres, estados como França, Bélgica, Croácia e Eslovênia, Albânia e Iugoslávia, reconheceram, finalmente, alguns dos direitos exigidos por essas mulheres. Em reação a isso, movimentos e campanhas foram realizadas com o intuito de convencer as mulheres a voltarem às suas posições de donas de casa.

Já a terceira onda feminista aconteceu por volta de 1990, nos Estados Unidos, advinda da necessidade de renovação do movimento, resultante de problemas de cunho legal. A mídia passou a espalhar a ideia de que todos os objetivos do feminismo já haviam sido alcançados, pois as mulheres tinham acesso à educação e diferentes cargos empregatícios, por exemplo, desencadeando o pensamento de que as lutas feministas não eram mais necessárias. Assolando esse pensamento surge Rebecca Walker (1992),

com seu ensaio que denunciava a discriminação de gênero recorrente na década de 90. A partir desta obra, as mulheres são novamente convocadas a lutarem por seus direitos e consolidam a terceira onda feminista.

Paralela à ascensão das mídias sociais, irrompe a quarta onda feminista. Nesse contexto, o chamado “ciberfeminismo” ou “feminismo de hashtag”, além de ressignificar e retomar as lutas antigas, surge com o intuito de provocar discussões mais profundas em relação a identidade de corpo, sobre a questão transexual, a questão da gordofobia, dentre diversas outras questões (Perez, 2019, p. 5). Conforme Perez (2019), o que caracteriza a quarta onda feminista no Brasil é o uso das redes sociais como ferramenta de dissiminação da luta feminista, bem como a busca pela união do coletivo, ou seja, a união das mulheres, por meio de grupos ou páginas nas redes sociais em prol da luta pelos direitos das mulheres. Sendo assim, “a rede digital possibilita a massificação do que é o feminismo (ainda que não a massificação das feministas)” (Perez, 2019, p.9).

Mediante a isto, se torna indispensável compreendermos as obras que carregam como objetivo a denúncia contra as mazelas sofridas pelas mulheres. Dado que, como foi exposto neste capítulo, a luta pela igualdade de gênero existe há séculos e as mulheres que lutaram, e lutam até os dias de hoje por condições igualitárias, merecem ter suas vozes ouvidas e seus direitos concretizados.

Em relação à crítica feminina, a autora Judith Fetterley afirma:

A crítica feminina é um ato político cuja finalidade não é apenas interpretar o mundo mas modificá-lo por meio da transformação da consciência dos leitores e de suas relações com o texto lido. O primeiro ato de uma crítica feminista é tornar-se uma crítica de resistência e não de concordância e, mediante a recusa, exorcizar a mente masculina que foi implantada em nossa mente. (*Apud* Zinani, 2011, p. 2).

A crítica feminista tem como objetivo principal modificar o pensamento de uma sociedade que foi criada em moldes patriarcais. Sabe-se que a crítica feminista é mais do que apenas uma análise neutra de textos. Em vez disso, é um ato político com o objetivo não apenas de compreender o mundo, mas de transformá-lo. Dado que ela busca influenciar a maneira como as pessoas percebem o mundo ao analisar textos sob uma lente feminista, fazendo com que os leitores e as leitoras repensem suas próprias perspectivas e visões sobre questões de gênero. Além disso, a crítica feminista pode ser considerada como uma crítica de resistência, pois, em vez de simplesmente concordar

com as mensagens e ideias presentes nos textos, desafia ativamente as normas de gênero e os estereótipos, trazendo um posicionamento de uma crítica que se mostra contra às estruturas e ideias patriarcais. Sobre essa perspectiva, Zinani afirma que:

Maggie Humm (1989) assinala a importância de a crítica contribuir para o projeto político do feminismo. Ao mesmo tempo, aponta três fatores relevantes: escrita de história da literatura, utilizando como signo o gênero; formação de uma leitora com estratégias de leitura e uma prática crítica nova; e atuação das mulheres leitoras, através de intervenção social, com a criação de comunidades de leitoras capacitadas para enfrentar os meios acadêmicos de cultura patriarcal, estabelecendo um relacionamento particular entre as instâncias autor, leitor, personagem (Zinani, 2011, p. 7).

O trecho menciona as ideias da acadêmica feminista Maggie Humm sobre a importância da crítica literária no contexto do feminismo. Ela destaca a necessidade de educar leitoras feministas que possuam novas estratégias de leitura e crítica literária. Isso implica em desenvolver uma abordagem crítica que esteja alinhada com os objetivos do feminismo. Além disso, ela traz a ideia de que as mulheres leitoras devem se envolver socialmente, promovendo a criação de grupos ou comunidades de leitoras capacitadas para lidar com o ambiente acadêmico, muitas vezes dominado pela cultura patriarcal. O que envolve a promoção de uma relação específica entre autor, leitor e personagem que seja mais empoderadora para as mulheres. Dessa forma, é possível analisar as linhas e entrelinhas das narrativas da autora em questão neste trabalho.

Sobre a crítica feminista, Maisa Barbosa, no vídeo “Crítica feminista // feminismo”¹, explica que a essência desse tipo de crítica reside na tentativa de compreender os papéis históricos e atuais das mulheres, além de investigar como elas moldaram suas histórias individuais e a história coletiva do gênero. Desse modo, a crítica feminista, alinhada a essa perspectiva, destaca a ausência de neutralidade na ciência, argumentando que os lugares ocupados por mulheres e homens em determinados campos de estudo são influenciados por condições sociais e históricas entrelaçadas pelas questões de gênero. Além disso, a crítica feminista também busca entender porque mulheres ocupam menos espaços dentro de determinados campos do conhecimento e porque, geralmente, ocupam menos posições de poder. Ao examinar a história, a crítica feminista identifica a remoção sistemática dos nomes das mulheres de trabalhos, teorias e pesquisas, e tem por objetivo concentrar esforços em propor soluções para tais apagamentos. Preocupa-se, ainda, com a sobrecarga enfrentada pelas

¹ Vídeo disponível no Youtube, link: <https://youtu.be/1ufNztM4inY?si=9VrczuLfsIbvpICt>. Consulta realizada em: 20/12/2023.

mulheres ao equilibrar trabalho, pesquisa, educação dos filhos e afazeres domésticos, fator que contribui para a desistência ou produção limitada em suas carreiras. Assim, a crítica feminista busca sensibilizar a sociedade para a redistribuição equitativa das responsabilidades entre mulheres e homens, visando criar condições mais justas. Nesse contexto, percebe-se que a crítica feminista representa uma abordagem transformadora, que almeja redefinir o espaço ocupado pelas mulheres na história dos diversos campos do conhecimento.

Sabemos que no cenário atual, o acesso às ciências não é mais dificultado às mulheres como em épocas passadas. No entanto, ainda é possível notar uma certa discriminação sofrida por elas nesse ambiente, o que nos faz refletir e questionar o motivo de essas situações ainda acontecerem depois de tanto avanço. Sobre essa questão, Bandeira (2008) ressalta que:

Uma das hipóteses que pode explicar, em parte, tal situação evoca os processos de socialização diferenciados, não menos precoce para meninas e meninos, em relação aos processos de aprendizagem e aos comportamentos próprios, tolerados e interditos que podem orientar, na seqüência, a vida profissional. Em outras palavras, inicia-se na socialização o processo de distanciamento das mulheres para com a ciência, na medida em que essas são direcionadas às atividades ditas “femininas”, prorrogadas na seqüência da vida pelas dificuldades e pelos constrangimentos que se colocam nas escolhas entre família, maternidade e carreira profissional (Bandeira, 2008, p. 219-220).

Nesse caso, põem-se os processos de socialização como principais causas da falta de ascensão nas ciências por parte das mulheres. Conforme a autora relata, a ideia é que as meninas são socializadas de forma mais precoce em atividades consideradas “femininas”, bem como os meninos crescem com este mesmo pensamento, o que pode influenciar as escolhas profissionais da mulher no futuro. Essa socialização inicial pode levar a um distanciamento das mulheres em relação à ciência, especialmente quando enfrentam desafios e restrições ao equilibrar casa, maternidade e carreira profissional ao longo da vida.

Dada a época em que o livro *Os provisórios* foi publicado, no ano de 1980, podemos compreender que ele se encontra em um momento de transição entre a terceira onda feminista e o que se configurou como a quarta onda. Com isso, a obra de Helena Parente Cunha pode ser compreendida a partir dos ideais e das lutas feministas que ocorreram na terceira onda feminista, que buscou ressignificar o movimento, pois estava perdendo sua força e sua merecida importância. Assim, as narrativas do livro que

abordam questões de gênero funcionaram como lembretes de que a luta feminista é algo incessante.

Nesse contexto, pode-se notar como a crítica feminista ajuda na interpretação de obras literárias que trabalham com as questões de gênero. Na análise dos contos, buscarei dialogar com o pensamento de críticas e/ou críticos ligados a essa área de pesquisa, de modo a demonstrar os vieses dos contos de Parente Cunha que permitem comprovar seu foco nas questões de gênero.

3. ANÁLISE DE TRÊS CONTOS DE *OS PROVISÓRIOS*

O pai parado na porta entre o quarto e agora. Por que você chegou tarde? Onde já se viu moça de família na rua a estas horas? Você sabe que horas são? Há anos são dez horas da noite, nunca mais amanheceu. Quem é aquele vagabundo que estava com você na saída da escola? (Parente Cunha, 1990, p.1)

(as meninas devem andar com as pernas juntas, sentar com as pernas juntas e ficar de pé com as pernas bem juntinhas. É falta de modos moça ficar de perna aberta). (Parente Cunha, 1990, p.40)

Nos tempos de hoje, é uma bênção quando a gente vê uma filha bem casada Também, o que é que você quer? Ela tem o exemplo dos pais Graças a Deus Ela vai continuar a estudar? Não, já deixou, você sabe, nós nunca quisemos que Fafá estudasse engenharia. O pai tanto insistiu, que ela acabou desistindo. O pai e o noivo. Nós somos da opinião que a mulher é para o lar. (Parente Cunha, 1990, p. 94-95)

Nesta seção, tal como se afirmou na Introdução, recebem destaque os contos “O pai”, “Noite de núpcias” e “Festa de casamento”. Para iniciar, refiro-me sinteticamente aos conteúdos dos três contos, para, em seguida, partir para uma abordagem individualizada, que leve em consideração, tal como foi dito, aspectos relacionados às questões de gênero.

No conto “O pai”, esse personagem é uma figura característica da sociedade patriarcal, que, por isso, impede a filha de ter liberdade e realizar diversas coisas consideradas simples durante a sua vida. O trecho “quem é aquele menino que estava correndo na rua atrás de você? Você não sabe que é feio menina brincar com menino?” (Parente Cunha, 1990, p.2) demonstra que, desde quando a filha era apenas uma criança, o pai já expunha seu pensamento extremamente conservador de que “é feio menina brincar com menino”. Essa relação abusiva entre pai e filha se arrasta até a vida adulta da mulher e só tem “fim” quando o pai falece. No entanto, após anos ouvindo o discurso do pai, a filha se vê perdida na sua existência e não sabe mais como aproveitar sua “liberdade”.

Já o conto “Noite de núpcias” aborda o momento de um casal durante sua noite de núpcias. A mulher apresenta receio de praticar o ato sexual, enquanto o homem tenta convencê-la à consumação, como podemos observar no excerto “abra as perninhas,

vamos, meu amor, não tenha medo, não vai doer nada [...] amanhã, vamos deixar para amanhã” (Parente Cunha, 1990, p.39). O conto é narrado por meio de dois discursos que se alternam. O primeiro discurso é do noivo que tenta convencer a noiva “recatada” a realizar o ato sexual; enquanto o segundo materializa o discurso social da família que é imposto ao pensamento da mulher desde a infância.

No conto “Festa de casamento” há uma crítica social em relação à questão da imposição do casamento e sobre o lugar da mulher na sociedade. A narrativa acontece durante a festa de casamento dos personagens Maria de Fátima e seu noivo. Durante a cerimônia, os pais da noiva recebem os convidados e travam alguns diálogos, como podemos observar no trecho: “[...] Graças a Deus minha filha se casou com um rapaz muito bom [...] Nos tempos de hoje, é uma bênção quando a gente vê uma filha bem casada” (Parente Cunha, 1990, p. 94). Já nesse pequeno recorte é possível perceber a contaminação do discurso pelo patriarcalismo, visto que propaga a ideia de que conseguir casar é, para a mulher, um fato a ser considerado como sorte, pois, o papel da mulher sempre é relacionado ao de “rainha do lar”. Diferente do conto anterior, neste a protagonista foge do destino que lhe impuseram em busca de sua liberdade, quebrando os padrões impostos pela sociedade.

Agora que conhecemos brevemente a narrativa dos três contos em foco, passaremos para análise individual e aprofundada de cada um deles. Nesta análise, buscaremos reconhecer as estruturas de construção de sentido que apontam para um olhar crítico-feminista que, integrando o próprio processo de criação literária, traz à tona aspectos que marcam os contornos da sociedade patriarcal.

3.1 “O pai”

O conto “O pai”, de Helena Parente Cunha, trata da trajetória de uma filha e seu pai durante muitos anos e está organizado em doze parágrafos. Os personagens não são nomeados no conto, talvez como uma estratégia para transparecer a condição de representarem papéis sociais, tal como afirma Souza: “a nomeação das personagens dá-se pelos títulos de hierarquia familiar, evidenciando assim a relação de poder manifestada no enredo com a supremacia da vontade do homem” (Souza, 2009, p. 19). Em toda a narrativa não há nenhuma passagem na qual haja propriamente alguma descrição física dos personagens, mas o conto é inaugurado com uma descrição que já

denuncia um estado de espírito conturbado, como veremos mais adiante. O que fica diretamente evidenciado para quem lê é a relação de dominador e dominada entre pai e filha.

A relação entre dominador e dominada também se ratifica pelo uso da expressão “O pai parado na porta” na abertura de nove parágrafos, o que prende a atenção para este personagem, que conduz e sobredetermina a vida da filha. Vejamos:

O pai parado na porta entre o quarto e agora [...] o pai parado entre o triângulo e a buzina do carro [...] o pai parado na porta entre a boneca e a tarde [...] o pai parado na porta entre o barulho dos ônibus e o tapa [...] o pai parado na porta, entre o caixão que saía e o retrato da mãe vestida noiva [...] o pai paradíssimo na porta, entre um ano e outro ano [...] o pai parado na porta, entre um anúncio e um comprimido [...] o pai parado na porta, entre a bengala e o catarro [...] o pai parado na porta, atravessado entre a hora de sair e a hora de nunca mais. (Parente Cunha, 1990, p. 1-4)

A repetição dessa expressão durante o conto revela uma imagem de imobilidade do pai. Isso funciona como um signo que denuncia que a figura paterna está presa a um pensamento fixo e a uma visão estagnada de mundo. Pois, não importa o que aconteça, nem quanto tempo passe, o personagem sempre se encontra parado na porta para observar, repreender, censurar e reprimir as vontades de sua filha. Também podemos analisar outros símbolos presentes no conto, conforme as observações de Lima e Oliveira:

Entre o quarto, espaço fechado aprisionador, controlado e controlável, povoado de seus significados simbólicos (BACHELARD, 1993) ou a porta, lugar de passagem cuja travessia nunca se completa, e “agora” ou o “ano” “agora”, ou o “ano”, as medidas do tempo que, inexorável, não permite a mudança: ao se impor, mantém-na atada ao modelo de uma infância estática não superada, atualizada pela voz da mãe, rememorada, e a do pai, reverberando no texto, na consciência da personagem e dos leitores: “Desculpe, pai, paizinho, eu rasguei meu vestido brincando no quintal, desculpe” (CUNHA, 2013, p. 2). (Lima e Oliveira, 2021, p. 285-286)

Os elementos mencionados no trecho são carregados de símbolos. Ao percorrer a narrativa em questão, é possível notar a repetição dos termos remetidos pelas autoras. O quarto que aprisiona a protagonista remete à falta de liberdade que ela sofre; a porta que ela não consegue atravessar, pois o pai sempre se encontra “parado na porta”, indica que ela não possui forças para contornar os obstáculos em busca de seus sonhos.

No decorrer do conto, a quantidade de indagações feitas pelo pai, direcionadas para sua filha chamam a atenção:

Por que você chegou tarde? [...] Quem é aquele vagabundo que estava com você na saída da escola? [...] Quem é aquele sacana que estava com você na saída da escola? [...] Quem é aquele desgraçado que lhe deu carona? [...] Quem é aquele menino que estava correndo atrás de você? Você não sabe que é feio menina brincar com menino? E o muro? Você não sabe que menina não sobe em muro? [...] Quem é aquele rapaz que estava conversando com você na esquina? [...] Namorar? Quem é aquele miserável que quer desgraçar a sua vida? Você não tem pena de seu pai? Você sabe que hora são? Onde já se viu escola terminar a esta hora? [...] Quem é aquele veado que estava com você no ponto de ônibus? [...] Por que você quer fazer curso de pós-graduação? [...] Quem é aquele velho sem-vergonha que saiu com você da escola? [...]. (Parente Cunha, 1990, p. 1-4)

Ao visualizarmos o compilado de questionamentos que o pai fazia para a filha, notamos que ele está sempre agredindo a filha discursivamente, pois ele questiona cada contato social que ela tem, se intromete em todas as decisões da filha, atrapalhando seu desenvolvimento social como indivíduo. A partir desse olhar, passamos a compreender a aflição que foi a vida desta mulher. Viveu, desde criança, sob os moldes do pai, sempre limitada, sempre monitorada nas coisas mais comuns na vida de uma pessoa.

Também podemos observar que o conto em questão foi construído de maneira circular, vejamos um trecho do primeiro parágrafo: “Aquele cansaço de existir, aquela gosma impregnando os ossos, os músculos, os tecidos, o sangue estagnado sob a pele desbotada [...]” (Parente Cunha, 1990, p. 1), a mesma angústia se repete no último parágrafo: “Cansaço”. Cansaço de existir. Ela parada na porta, entre ficar e não sair, o corpo colado numa gosma nem fria nem quente, um amarrado nos ossos, um grude se enfiando pelos poros [...]” (Parente Cunha, 1990, p. 4). Essa construção de uma narrativa circular serve para demonstrar que a personagem está envolvida neste ciclo durante toda a sua vida, fato este que destrói o sentido da sua vida e tira sua vivacidade.

Os espaços que são apresentados na narrativa são bem limitados, boa parte do conto se passa dentro da casa da família, como podemos perceber no trecho: “o pai parado na porta entre o quarto e o agora [...] o pai parado na porta entre a boneca e a tarde” (Parente Cunha, 1990, p. 1-2). Outro espaço que também é mencionado é o ambiente escolar: “A escola, sempre a escola. Professora ou aluna, sempre a escola” (p. 1). É possível constatar que a escola serviu como um local de refúgio para a personagem, uma vez que ela possuía um ambiente familiar não agradável, e resolveu buscar a saída na educação; mas, mesmo assim, não conseguiu a liberdade almejada.

Apesar dos questionamentos dela sobre a escola devido às repressões do pai, ela se formou com destaque como professora: “[...] parabéns, professora, a primeira aluna de toda a faculdade [...] (Parente Cunha, 1990, p. 3)”. De certa forma, isso revela que, mesmo com o “cansaço de existir”, a mulher teve um momento de resistência e conseguiu realizar um de seus vários sonhos.

A linguagem usada no conto é algo que chama a atenção. Nos trechos “[...] aquela gosma impregnando os ossos, os músculos, os tecidos, o sangue estagnado sob a pele desbotada [...] Sim, o cansaço, tanto cansaço, torpor grudando os membros e os pés no chão [...] o corpo colado numa gosma nem fria nem quente, um amarrado nos ossos, um grude enfiado pelos poros [...]” (Parente Cunha, 1990, p. 1-4), o uso de palavras que remetem à sensação de repulsa funciona como um artifício para que seja possível adentrar na narrativa e sentir o que a personagem sente.

A mescla entre discurso direto e discurso indireto dialoga com a alternância entre passado e presente da vida da família, pois o texto é construído por acontecimentos da infância da mulher e de sua vida adulta. Como afirma Torres (2015, n.p), “essa técnica ressalta a total estagnação das atitudes das personagens, que não acompanham a passagem do tempo e, em concomitância, dos hábitos”. Desse modo, em toda a narrativa, notamos a obediência da mulher em concordância com a obediência da menina, em relação às imposições de seu pai.

O uso dos termos “pai”, “papai” e “papaizinho” denotam uma certa infantilização da personagem, podemos observar isso na seguinte passagem do conto: “Pelo amor de Deus, pai, eu tenho quarenta anos, até quando você vai pedir satisfações de minha vida? Desculpe, **pai, papaizinho**, eu rasguei meu vestido brincando no quintal, desculpe.” (Parente Cunha, 1990, p.2, grifo nosso). Nesse trecho, a personagem já adulta tenta se impor contra o pai, mas, logo em seguida, vemos surgir a criança amedrontada que se desculpa. Vemos resquícios da infância da personagem durante o conto, que denunciam o medo e obediência da criança que se tornou uma adulta dominada pela figura masculina, vejamos outros exemplos: “Você não sabe que menina não sobe em muro? Desculpe, papai, eu só queria ver o que havia do outro lado.” (Parente Cunha, 1990, p. 2); “Domingo que vem nós vamos passar o dia em Itaparica na casa de seu padrinho (mas papai) você não quer ir por quê? Você tem que espairecer.”

(Parente Cunha, 1990, p. 3). Diante disso, notamos que é como se essa menina amedrontada continuasse habitando a personagem.

Como já mencionado, a personagem feminina é uma professora de quarenta anos. Uma adulta que possui seu emprego, mas se encontra obediente às vontades do seu pai, figura opressora que a impede de ser uma mulher totalmente livre. Chama a atenção o fato de que, no decorrer dos anos, o pai continua tentando controlar a vida da filha, como pode-se confirmar nesta passagem “Quem é aquele desgraçado que lhe deu carona? [...] Pelo amor de Deus, pai, eu tenho quarenta anos [...]” (Parente Cunha, 1990, p. 2).

O personagem paterno não aprova que a filha saia, estude ou tenha uma vida social que ele não controle. Por essa razão, ele tenta de todas as formas manter sua filha em casa. “É boa esta novela, eu gosto de novela, você precisa ver novela, distrai muito” (p. 3). Manipulador, o pai usa o artifício da novela como uma tentativa de manter a mente da sua filha ocupada, evitando que ela decida fazer as coisas que ela deseja. Além disso, a convenção social diz que o lugar da mulher é em casa, vendo novela e cuidando dos afazeres domésticos.

Segundo (Krenkel e Moré, 2017, p. 771), “A violência contra a mulher é compreendida como qualquer ato violento que inclua ameaças, coerções, privação da liberdade baseada no gênero e que resulte ou possa resultar em danos nas esferas física, sexual e/ou emocional (United Nations - ONU, 1993)”. Em vista disso, podemos observar como a personagem sofria violência de diversas formas durante sua trajetória, desde a privação de sua liberdade, até a violência física, como podemos comprovar no trecho “O pai parado na porta, entre o barulho do ônibus e o tapa” (Parente Cunha, 1990, p. 2). Vejamos o que Lima e Oliveira acrescentam sobre esse assunto:

Saffioti (1987) demonstra que as identidades sociais são construídas pela atribuição de papéis às diferentes categorias de sexo, havendo expectativas quanto ao seu cumprimento. No conto, são essas demandas externas que se colam no discurso e nas ações do pai, sem importar os resultados sobre a moça/mulher sob sua tutela. Exerce sua violência sobre e contra os sonhos, a mente e o corpo da filha; esta, mesmo já adulta e formada, não consegue escapar a esse controle [...]. (Lima e Oliveira, 2021, p. 286)

Desse modo, se as identidades sociais são moldadas pela atribuição de papéis baseados no sexo, criando expectativas sobre seus cumprimentos, no contexto do conto, o pai internaliza essas expectativas sociais e as impõe à sua filha, exercendo controle

sobre ela, mesmo quando ela já é adulta e formada, oprimindo, dessa forma, seus desejos como pessoa individual.

Diante disso, é possível notar que a figura do pai representa o sistema patriarcalista, que associa a figura do homem como superior e dominante à mulher. Já a figura da filha, representa todas as mulheres que são oprimidas pelo dito sistema. Além do mais, na narrativa, é notável o desejo que a menina/jovem/mulher possui de se libertar das opressões paternas, visto que ela busca a todo instante viver uma vida como as demais pessoas da sua idade, todavia, o pai está sempre ali entre ela e sua vontade.

No trecho “E o muro? Você não sabe que menina não sobe em muro?” (Parente Cunha, 1990, p.2), o muro mencionado funciona como uma metáfora para a existência do pai na vida da filha. Nota-se que essa figura paterna está sempre entre a filha e as coisas que ela deseja fazer, como um muro, impedindo sua passagem. E tudo que a protagonista deseja é pular este muro, ou seja, se libertar das opressões vindas do seu genitor.

Outro trecho que revela o pensamento ultrapassado e repleto de preconceito do personagem paterno é o seguinte: “O pai paradíssimo na porta, entre um ano e outro ano. Quem é aquele veado que estava com você no ponto de ônibus? Ah! é uma amiga, este mundo está perdido e você ainda reclama porque eu me preocupo com você.” (Parente Cunha, 1990, p.3). Mais uma vez, quem lê se depara com um discurso contaminado de preconceito, desta vez, homofóbico. O que reforça, mais uma vez, o quanto é negativo conviver com um indivíduo com ideias tão retrógradas..

A pergunta que deve surgir para leitores e leitoras é: por que a protagonista não vai embora da vida do pai? A resposta é que há algo maior que o desejo dela. Há um sistema de crenças, valores e opressões no qual ela viveu durante todos os anos de sua vida, que a impregnou e a tornou incapaz de tomar uma decisão tão drástica. Após a morte do pai, temos a seguinte passagem no conto “O quadrado do sim é igual à soma dos quadrados de todos os não incendiados na medula” (Parente Cunha, 1990, p. 4). Fica claro que, mesmo após o falecimento do pai, a protagonista não consegue se libertar, dado que as opressões estão “incendiadas em sua medula”, ou seja, estão entranhadas na sua existência.

Além disso, não é só contrariar seu pai, é contrariar um sistema patriarcalista em que a protagonista nasceu e cresceu inserida. Sem esquecer que há um cansaço da existência, após levar tantos “nãos”, a filha passa a não sentir mais prazer na vida, “aquele cansaço de existir [...] ela parada na porta, nem indo nem vindo, só ali [...] há quanto tempo a última alegria? o último sorriso? cansaço, esforço inútil de respirar [...]” (Parente Cunha, 1990, p.1). Por meio deste conto tão rico e complexo, Parente Cunha conseguiu, brilhantemente, denunciar o controle que a figura masculina insiste em exercer em relação às mulheres.

Podemos, a partir deste conto, perceber como a violência de gênero extrapola tempo e espaço, levando mulheres-vítimas a carregarem, durante a vida, a dor e os reflexos da violência (ou das violências sofridas). A leitura do conto comprova a necessidade de, no âmbito da vida real, serem constantemente pensadas e realizadas políticas de acompanhamento psicológico e social de mulheres que tenham passado por experiências traumáticas ligadas às diferentes formas de violência de gênero.

3.2 “Noite de núpcias”

Como já mencionado na apresentação deste capítulo, “Noite de núpcias” retrata a história de um casal durante sua noite de núpcias: o homem tenta convencer a noiva a praticar o ato sexual e a mulher tenta fugir desta “obrigação” que, para ela, soa como algo negativo.

O conto possui uma estrutura em blocos que são separados por espaços em branco, como se fosse um tempo de reflexão que a narrativa oferece entre um bloco e outro. Além disso, assim como nos outros contos, a autora não utiliza travessão, sendo possível perceber a construção do texto por meio do discurso direto. Ademais, assim como o conto “O pai”, o conto em questão se encontra em dois planos temporais, com trechos que se alternam em diálogos no presente e no passado da vida da mulher. Demonstrando, dessa forma, como o que ocorreu no passado influencia na vida da mulher adulta.

Há somente dois personagens no conto, um homem e uma mulher. Percebe-se que o homem é quem conduz o discurso a todo momento, como podemos notar já na abertura, em que ele fala: “abra as perninhas, meu amor” (Parente Cunha, 1990, p. 39). Na constituição desta frase temos um verbo no imperativo que é suavizado um

substantivo no diminutivo. Portanto, ao mesmo tempo que o homem dá uma ordem, ele suaviza e infantiliza a frase por meio do uso do diminutivo.

Analisando as falas do personagem masculino, percebemos que quando ele afirma que a mulher não precisa ter medo do ato sexual e que não vai doer, e a mulher responde que deseja adiar a relação para o outro dia, fica claro que essa mulher está em uma condição de medo e insegurança extremos com a situação. Paralelo a isso, as palavras do parceiro revelam apenas insistência e nenhuma comoção com o medo da mulher.

O homem demonstra o quanto quer fazer da mulher refém de seus desejos e, em momento algum, se preocupa em entender os motivos de tamanha insegurança. Vejamos um trecho que revela o egoísmo masculino: “já esperei tanto, meu amor, olhe só como é que eu estou, venha, não tenha medo” (Parente Cunha, 1990, p. 39).

Além disso, a partir dos fragmentos “eu quero ter você todinha para mim [...] eu quero ver você nuinha, meu amor, tire a camisola [...] Você é tão bonita assim, toda nua, toda minha, toda em minhas mãos, em meu corpo, seu corpo, eu quero mergulhar inteiro no seu corpo” (Parente Cunha, 1990, p. 39-40), podemos notar o sentimento de posse que o homem exerce sobre a mulher, pois em toda a narrativa excede os limites dela.

Como mencionado anteriormente, o texto é estruturado em blocos. Após o primeiro bloco, temos o segundo bloco que é escrito entre parênteses, que diz o seguinte: “(vamos ficar sempre juntos, meus filhos, uma família unida é a coisa mais bonita que tem, eu quero vocês sempre junto de mim)” (Parente Cunha, 1990, p.39). Esse fragmento nos leva a pensar que se trata do pensamento da personagem feminina, advindo de um discurso do passado, que se encontra impregnado no seu subconsciente, revelando que ela também é conduzida por uma ótica patriarcalista..

Por outro lado, também fica a incógnita de que os trechos entre parênteses nada mais sejam do que lembranças do discurso do pai da protagonista. Pois, a frase “vamos ficar sempre juntos, meus filhos”, demonstra que alguém responsável pela família é quem discursa, e levando em consideração o posicionamento conservador, reforça a ideia de que seja a figura paterna.

Quando a personagem feminina declara: “Estou com tanto medo, você vai me machucar” (Parente Cunha, 1990, p. 39), sugere que ela já tenha sentido dor e já tenha sido machucada em uma situação parecida com aquela. Nesse caso, devido ao medo e ao trauma que fica sugerido pelas atitudes da mulher, fica implícito que ela tenha sofrido alguma situação na infância relacionada ao assédio.

Um excerto importante sobre o assunto é o seguinte:

(não me machuque, não me bata, eu juro que não fui/ eu que quebrei o barquinho de Dudu/ **tire a roupa que eu quero ver como é que você é/ só um pouquinho?/ você já está crescendo, não é?/ quando eu crescer/** mas onde é que estas crianças se esconderam? o que/ é que vocês estão fazendo aí, escondidos?/ eu não posso ir ao seu aniversário, porque estou de/ castigo, nem adianta pedir, porque castigo é castigo) (Parente Cunha, 1990, p. 40)

As frases grifadas reforçam o possível assédio mencionado anteriormente. Notamos um adulto, possivelmente o pai da protagonista, pedindo para que uma criança tire a roupa. Sobre esse assunto, Habigzang et al discorre:

O abuso sexual no contexto familiar é desencadeado e mantido por uma dinâmica complexa. O agressor utilizase, em geral, de seu papel de cuidador, da confiança e do afeto que a criança tem por ele para iniciar, de forma sutil, o abuso sexual. A criança, na maioria dos casos, não identifica imediatamente que a interação é abusiva e, por esta razão, não a revela a ninguém. (Habigzang et al, 2008, p. 339)

Por esse viés encontramos um motivo que justifica a angústia da protagonista em passar pelo momento da relação sexual durante sua noite de núpcias. Como afirma Lira et al, “além de problemas emocionais, a experiência abusiva predispõe meninas e mulheres a problemas na esfera sexual e a dificuldades nos relacionamentos afetivos [...] (Lira et al, 2017, p. 4), sendo assim, provavelmente a lembrança de um trauma, relacionado ao ato sexual, acompanhe essa mulher desde a infância.

Levando a análise para um outro caminho, o trecho: “Vamos ficar somente assim, bem juntinhos / (vamos ficar sempre juntos, meus filhos, uma família unida é a coisa mais bonita que tem, eu quero vocês sempre junto de mim)” (Parente Cunha, 1990, p.39) demonstra o discurso que é feito para meninas, adolescentes, jovens e mulheres em lares conservadores. Desde cedo, fala-se muito sobre guardar o corpo e pouco se fala sobre educação sexual, sendo o sexo, para a mulher, sempre um tabu.

Isso traz à tona a questão da sexualidade da mulher. Desde a antiguidade, a sexualidade feminina está associada à procriação, anulando, dessa forma, o prazer feminino e a liberdade do seu corpo. Até os dias atuais o sistema patriarcalista camufla toda a “promiscuidade” masculina e condena a mulher por uma relação sexual antes do casamento, ou por bem menos que isso. Sobre esse viés, Dutra (2006) ressalta que:

Desde criança, ao menino, futuro homem, é permitido conhecer seu corpo e expor seus órgãos, os pais são contribuintes para isto, porque querem um filho que na fase adulta seja viril e másculo. Em algumas culturas é comum os pais levarem seus filhos homens para iniciarem a vida sexual ativa em prostíbulos. Enquanto para as mulheres, foi construído socialmente o comportamento da castidade e da pureza, não há nenhuma preocupação por

parte dos pais em garantir que a pequena menina cresça e seja uma mulher dona de sexualidade, ao contrário a grande inquietação paterna é criar uma moça “decente, de família, boa mãe e esposa honesta”. (Dutra, 2006, p. 7)

Notamos, assim, valores invertidos em relação aos dois gêneros: homens são incentivados precocemente ao mundo sexual, enquanto as mulheres são condenadas a crescer na ignorância. Essa construção social em que as mulheres devem ocultar/abafar seus desejos sexuais, enquanto os homens podem exibí-los livremente, cria um certo sentimento de superioridade para os homens. Por serem encorajados e preparados para a vida sexual, os homens possuem mais confiança, enquanto as mulheres carregam o sentimento de que estão fazendo algo errado ou impuro. O que notamos no conto em questão é o esfriamento do corpo feminino, devido ao fato, mencionado anteriormente, da mulher crescer imersa no pensamento familiar de que deve ser recatada, comportada, em que, geralmente, o sexo é um tabu. Na narrativa, isso cria uma espécie de paradoxo, pois é possível notar que a personagem cresceu ouvindo os estereótipos relacionados aos comportamentos femininos; no entanto, quando se casa, se sente pressionada a fazer justamente o contrário: entregar seu corpo para um homem.

De “Noite de núpcias” é possível extrair diversas questões importantes, dentre elas estão a questão do respeito e consentimento sexual entre o casal; a opressão e o sentimento de posse por parte do homem para com a mulher; traumas sexuais que uma menina/mulher carrega no decorrer da sua vida e toda a visão patriarcalista que notamos impregnadas nos personagens do conto. Sabemos que esses temas são realidade para muitas mulheres. Ler, analisar e ressignificar narrativas que denunciam as opressões e abusos sofridas pelas mulheres promove conscientização e, a longo prazo, mudança. Tendo isso em vista, é possível notar como Parente Cunha sempre esteve à frente do seu tempo.

3.3 “Festa de Casamento”

“Festa de casamento” é um conto que não segue a estrutura em parágrafos a que estamos habituados, em vez disso, ele é organizado em uma espécie de bloco de discursos diretos, sem travessão e misturados. Esse artifício faz com que a narrativa possua uma dimensão coletiva, uma vez que apresenta, em sequência não identificada, as falas das diferentes pessoas que estão presentes na festa de casamento.

Em termos estéticos, algo que chama a atenção é a marca que Parente Cunha possui de não colocar ponto final em algumas frases, além de também deixar palavras incompletas, vejamos: “Parabéns. Parabéns. Parabéns. Parabéns. Parabéns. Parabéns. Par / Obrigado. Obrigada. Obrigado. Obrigada. Obrigado. Obrig” (Parente Cunha, 1990, p. 93). A autora utiliza esse artifício para demonstrar que esse discurso se repete durante todo o evento, por isso as interrupções inesperadas nas palavras, baseadas na expectativa da repetição constante.

O conto trata de um assunto muito próximo à realidade feminina. Dificilmente alguém não conhece uma mulher que desistiu do sonho da independência para se comprometer com o casamento. E é justamente sobre isso que esse conto trata: uma mulher, Maria de Fátima, que está prestes a se casar, após ter desistido do curso dos sonhos, por pressão da família e do noivo. No entanto, diferente das narrativas reais e literárias que estamos habituados a encontrar, nesta, a protagonista abandona o noivo e decide viver os sonhos que lhes foram censurados.

Pelas informações que encontramos no conto, a família da noiva deve se encontrar entre a classe média e a classe alta da sociedade da época. Podemos constatar isso, entre outros, pelo título de doutor que é dado ao pai da noiva, “Dr. Gustavo”, e também pela repetição do tratamento entre outros convidados.

Todo o conto está ambientado no espaço onde acontece a festa de casamento. A narrativa se dá por meio do diálogo entre os convidados, a mãe e o pai da noiva, configurando-se, deste modo, como discurso direto, ainda que, como já se disse, não haja travessões definindo a autoria de cada fala. É a leitura dos conteúdos que nos esclarecem quem fala. Observemos um trecho em que os convidados conversam entre si: “Dourado é outra coisa, dá logo um ar de distinção/ Eu quero tomar uísque, será que estão servindo uísque estrangeiro?/ Eu só tomo uísque com guaraná/ Ei, garçom, ei, ei, psiu/ O bolo está lindo não é? [...]” (Parente Cunha, 1990, p. 94). Essas falas constroem uma imagem do grupo social que participava do evento e suas expectativas quanto à configuração dos detalhes da festa. É importante ressaltar que a noiva não participa de nenhum diálogo durante o conto, o que reforça o apagamento que a mulher sofre na sociedade em questão.

Ainda sobre o tipo de discurso, podemos coletar algumas expressões que denotam valores muito presentes nesse tipo de evento. Como se trata de um casamento,

é comum que as pessoas desejem felicidades aos noivos e distribuam elogios à festa. Podemos averiguar isso nestes trechos: “Meus parabéns, muitas felicidades para sua filha, Dr. Gustavo/ Estou muito honrado em receber o senhor, Dr Pedrosa/ Obrigado. Obrigada [...]/ Que linda noiva [...] (Parente Cunha, 1990, p. 93).

Por outro lado, também podemos observar as vozes de maledicência, que criticam e ironizam a festa e a noiva de maneira velada, fato que também é muito comum em eventos desse tipo na vida real. Vejamos algumas passagens que apresentam esse tipo discurso:

Que cafona [...] Aqui parece que só tem gatinha [...] Quem é o pai do noivo? Hein? Ele é o quê? Pode ser que tenha dinheiro, porque educação, olhe lá. Está limpando os dentes com o palito do croquete. A mulher está jequíssima com vestido de renda e bolsa de couro pendurada no braço. Está linda a festa / Estou achando cafonéeerrima / Tem comida à beça / Mas não é coisa fina. Coisa de gente grossa que quer se mostrar (Parente Cunha, 1990, p. 93-95).

Uma passagem que manifesta outro assunto muito presente em casamentos de classes elevadas é a seguinte: “Gosto de carteira dourada, combinando com a sandália dourada / dourado é outra coisa, dá logo aquele ar de distinção [...] Estes saltos da moda são altos demais. Meus pés estão em brasa” (Parente Cunha, 1990, p. 94-95). Esse trecho acaba denunciando a futilidade envolvida nesse tipo de festa.

Diante disso, notamos que uma das questões que esse conto traz é a representação do coletivo, pois demonstra como as pessoas se comportam em sociedade e como expõem suas frustrações e críticas negativas de modo velado, mas que revelam a falsidade entre as pessoas e como elas vivem de aparências.

O contexto do conto nos leva a refletir que, mesmo nos dias atuais, vivemos em uma sociedade em que o lugar da mulher ainda é associado ao lar e à criação dos filhos, pois, como salienta Santos (2022):

A alteridade masculina é colocada acima das pessoas consideradas sem capacidade de raciocínio e sem plena independência e autonomia (crianças, escravos, criados e os sem propriedade). As mulheres, por sua vez, eram incluídas nesta falácia da incapacidade e ficavam presas a uma condição de submissão e dependência dos pais ou dos maridos. (Santos, 2022, p. 58)

Desde os primórdios, a mulher sempre foi considerada como um indivíduo com intelecto inferior ao dos homens. Por essa razão, sempre foi impedida de ter seu lugar de fala e seu poder de escolha. Nesse sentido, as mulheres passavam, e passam até os dias

de hoje, pela seguinte situação: no início de suas vidas são submissas às escolhas de seu pai, e quando se casam são submissas às escolhas de seu marido.

Tanto o pai, quanto a mãe da noiva possuem falas na narrativa e mostram-se condizentes com o casamento da filha e o rumo que a vida dela vai tomar. No entanto, é importante destacar que há um centramento maior na figura do pai, que diferente dos outros personagens (com exceção da filha, cujo nome, Maria de Fátima, conhecemos já no desfecho do conto), tem nome próprio no conto. Quanto a outros, aparece apenas a referência ao “Dr. Pedrosa”, marcando o tratamento formal. A partir desse personagem, que possui maior expressão na narrativa, podemos notar os resquícios dos valores patriarcais que colocam o homem como figura que lidera a família. Um trecho que revela a postura patriarcalista do personagem é o seguinte: “Estejam à vontade, cavalheiros. Fiz questão de um bufê especial para as bodas de minha filha. Faço votos para que comam e bebam copiosamente. **Defendam-se cavalheiros**” (Parente Cunha, 1990, p. 94, grifo nosso). O uso da expressão destacada demonstra que o pai condiz com o discurso patriarcal, pois “defendam-se cavalheiros” reforça o estereótipo de que as mulheres querem o casamento para prender os homens e eles devem fugir disso.

Além do pai, fica notório que a mãe da protagonista também é condizente com os valores patriarcais, podemos confirmar isso pelas falas da personagem:

[...] sabem como é, eu estou emocionadíssima com o casamento de minha filha. É o dia mais feliz de minha vida. Vocês gostaram do vestido dela? Fui eu que escolhi [...] Graças a Deus minha filha se casou com um rapaz muito bom, de boa família, bons costumes, sem vícios, respeitador dos pais, há de respeitar a esposa. [...] Faço muito gosto desse casamento. Gustavo também. Nos tempos de hoje, é uma bênção quando a gente vê uma filha bem casada (Parente Cunha, 1990, p. 94).

Além disso, a mãe confessa que ela, o pai e o noivo de Maria de Fátima convenceram a moça a largar os estudos para focar na sua futura vida de casada; vejamos: “Ela vai continuar a estudar? Não, já deixou, você sabe, nós nunca quisemos que Fafá estudasse engenharia. O pai tanto insistiu, que ela acabou desistindo. O pai e o noivo. Nós somos da opinião que a mulher é para o lar” (Parente Cunha, 1990, p. 95). Após a análise desse trecho, é possível constatar a pressão familiar que a jovem sofreu, visto que as pessoas que ela ama e que não deseja decepcionar, insistem para que ela não siga o caminho que deseja: os estudos. Dessa maneira, Maria de Fátima se vê em uma situação em que deve escolher entre seu sonho e sua família. Sobre isso, Leiro (2016) ressalta:

[...] mesmo quando as personagens tentam se afastar do núcleo familiar, os impasses produzidos durante a construção de uma nova identidade recuperarão, através do acionamento da memória, os discursos consensuais, levando-as a refletir sobre o rumo que escolherem para as suas vidas, em tensão constante com as regras sociais internalizadas durante a sua formação. (Leiro, 2016, p. 78)

Assim, por mais que a mulher tenha o desejo de se libertar e seguir sua vida a seus moldes, os resquícios de sua criação sempre estarão presentes com ela. Além disso, existem diversos obstáculos para uma mulher que resolve trilhar seu caminho em solitude. Em razão desses empecilhos, ela sempre sentirá culpa por “fugir das suas obrigações como mulher”, pois, foi criada cercada por este pensamento. Tudo isso demonstra a realidade que muitas mulheres ainda sofrem na sociedade. Por mais que o mundo tenha evoluído, ainda está impregnado no pensamento popular a ideia de que a mulher tem a obrigação de cuidar da família e do lar. Primeiro o casamento, depois, se der certo, os sonhos, a carreira e os desejos.

A noiva não participa de nenhum diálogo durante a narrativa, no entanto, alguns trechos descrevem o estado de espírito aparente da mulher. Neles, fica claro a insatisfação da moça durante a cerimônia. Vejamos: “Você está achando a noiva bonita? O vestido ficou mais ou menos. A cara que não está boa/ Ela é muito antipática / Não é isso, ela parece esquisita. Não fala, não ri / Ela está agitada, não é?/ Nervoso/ Frescura” (Parente Cunha, 1990, p. 95). A partir dessas descrições, reveladas pelos convidados, fica nítido, para quem lê, que a noiva está contrariada durante o evento. Sobre isso Ferreira Neto (2015) discorre:

O evento, a festa de casamento, foi organizado por pais representantes dos valores da sociedade patriarcal e de uma noiva contrariada, que demonstra a seus convidados o desprestígio dado ao momento que deveria ser o mais importante de sua vida. Tais revelações já anunciam um desequilíbrio nos desejos originados nesse seio familiar, pois, dentro de uma família patriarcal, os pais sentem-se honrados em escolher o marido ideal para a filha e vê-la contraindo um bom casamento. No entanto, a narrativa revela-nos, sutilmente, que a filha não compactua com esse sonho. (Ferreira Neto, 2015, p. 33)

Notamos que para manter as aparências, os pais optam por contrariar o futuro da filha, forçando-a a desistir dos sonhos e a fazer aquilo que lhe é o destino da mulher de acordo com os moldes de família patriarcal.

Na maioria das vezes, vemos as mulheres cederem ao pensamento patriarcalista, desistindo de criar sua própria história e de buscar seus objetivos e sonhos. No entanto, neste conto, Helena Parente Cunha nos apresenta o outro lado da moeda. A autora nos traz uma personagem que, mesmo estando quase rendida às pressões da família, busca

forças e acaba se libertando. Ela surpreende e rompe com as limitações impostas às mulheres e toma a decisão de correr atrás do seu direito de escolher o que realmente quer.

Para reforçar o conteúdo patriarcal em que a personagem está envolvida, observemos que, em dado momento da festa, o pai da noiva discursa as seguintes palavras:

Excelentíssimas senhoras. Excelentíssimos senhores. Sinto-me lisonjeado e, por que não dizer envaidecido com a nobre presença das respeitáveis famílias nesta hora memorável, em que se unem pelos sagrados laços do matrimônio a minha dileta filha e o seu digníssimo noivo. **A mulher, como a rainha do lar** (...). (Parente Cunha, 1990, p. 95-96, grifo nosso)

Quase que de imediato, após este discurso, os convidados notam o sumiço da noiva. Vejamos a última frase dita pelo pai: “a mulher, como a rainha do lar”; provavelmente essa frase serviu como o gatilho que faltava para Maria de Fátima perceber o rumo que sua vida estava tomando. Foi a partir dessa designação, dada por seu próprio pai, que a protagonista percebeu que desejava ser mais do que apenas uma “rainha do lar”. Vejamos o trecho que se refere ao clímax do conto:

A noiva sumiu?! Cadê a noiva? O noivo está ali perto do bolo [...] Onde está Maria de Fátima? [...] Ei, pessoal. Venham todos aqui/ A grinalda está no chão perto do toailete?! O véu rasgado na cadeira?! O vestido jogado na privada? Dentro do vaso?! Os sapatos na pia/ O noivo não sabe onde está a noiva [...] Puxa vida, ela foi embora e deixou o noivo. Por quê? (Parente Cunha, 1990, p. 96).

Esse trecho abre o principal acontecimento do conto, que deixa de ser a festa de casamento para ser o sumiço da noiva. Sumiço esse que possui correspondência com os comentários que os convidados fizeram em relação a postura dela durante a cerimônia. A grinalda no chão, o véu rasgado, o vestido na privada e os sapatos na pia são signos que revelam a revolta, o descontentamento de uma mulher que percebeu que sua história estava sendo escrita por outras pessoas. A personagem não fugiu simplesmente, ela expressou toda sua angústia, raiva e frustração naquilo que representava o casamento, isso justifica a maneira que ela se livrou do o vestido e acessórios que usava no evento.

Isso nos faz refletir como as pressões são capazes de nos levar a fazer coisas inimagináveis. Maria de Fátima, que se via rendida às convenções sociais, no último minuto, durante sua festa de casamento, resolve se desprender dos padrões que a impediam de voar e faz algo que choca o leitor. Ao fugir da própria festa de casamento, Maria de Fátima demonstra que nunca é tarde para buscarmos a liberdade. Diante disso,

é possível refletirmos sobre uma temática tão real, mas abafada pela sociedade, como a imposição do casamento para a mulher, através de uma narrativa tão rica e impactante desenvolvida aos moldes de Parente Cunha.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise crítica dos contos "O pai", "Noite de núpcias" e "Festa de casamento" da obra *Os provisórios* (1980) de Helena Parente Cunha, sob a perspectiva crítico-feminista, permitiu a exploração de elementos explícitos e implícitos desta rica obra. Este trabalho foi apoiado em contribuições como: Dutra (2006), Garcia (2015), Goulart (2003), Habigzang et al (2008), Leiro (2003), Lima e Oliveira (2021), Santos (2022), Souza (2011) e Zinani (2011) e (2012), que fornecem ricas informações sobre as temáticas presentes aqui. Com esta pesquisa será possível expandir os horizontes dos leitores e das leitoras dos contos de Helena Parente Cunha, no que diz respeito à compreensão da unidade de sentido de seus textos e às questões de gênero. Com isso, nos juntaremos à fortuna crítica desta brilhante autora.

No primeiro capítulo resolvemos explorar um pouco mais a obra completa *Os provisórios*. No livro, nos deparamos com um universo feminino em conflito com normas e expectativas sociais criadas pelo sistema patriarcal. No entanto, a coletânea revela, em alguns momentos, a resistência das mulheres em contar suas próprias histórias, enquanto permanecem em um estado provisório de construção.

Vimos que Parente Cunha aborda diversas problemáticas enfrentadas pelas mulheres, como: controle paterno, dependência emocional no casamento, violência de gênero, convivência tóxica, assédio infantil, entre outras, contribuindo, por meio da escrita, com a conscientização e reflexão sobre as questões de gênero. Para mais, não podemos deixar de lado a questão estética desta brilhante obra. Pois, durante a leitura, além de incríveis narrativas, nos deparamos com uma rica variedade de recursos técnicos, como monólogo anterior, fluxo da consciência e narrativas sem pontuação, que possui o objetivo de intensificar a conexão emocional e desafiar a interpretação dos leitores e das leitoras.

No segundo capítulo vimos que a crítica feminista surgiu para recuperar obras negligenciadas de mulheres, reinterpretar textos sob uma perspectiva feminina e desafiar traços patriarcais na literatura, bem como em outras áreas. Tratamos, também, de como o movimento feminista evoluiu em três ondas ao longo do século XX, cada uma abordando diferentes questões e desafios, desde direitos básicos até a necessidade de renovação e reconhecimento das desigualdades que assolam as mulheres.

Focamos, ainda, na quarta onda feminista, que foi impulsionada pelas mídias sociais, e tem como foco questões de identidade de gênero, transexualidade, gordofobia,

além de usar a internet como ferramenta para disseminar a luta feminista e promover a união entre mulheres. Assim, com este capítulo compreendemos que a crítica feminista não serve apenas para interpretar textos, mas possui, também, o objetivo de transformar a consciência de leitores e leitoras, além de desafiar as normas patriarcais e promover a presença e a participação das mulheres em todos os campos do conhecimento. Diante disso, concluímos que a obra *Os Provisórios*, de Helena Parente Cunha, que reflete questões da terceira onda feminista, serve como lembrete de que a luta feminista nunca deve ser cessada.

No terceiro capítulo foram desenvolvidas análises detalhadas dos contos “O pai”, “Noite de núpcias” e “Festa de casamento”. O primeiro conto explorado foi “O pai”, dele, extraímos a relação de dominação entre os gêneros. Notamos a relação de poder entre pai e filha, em que o pai exerce controle e dominação sobre a vida da filha, e esta se encontra totalmente dominada.

Além disso, a violência de gênero expressa no conto retrata e denuncia a realidade feminina vivida na sociedade. No conto, o pai exerce violência física, emocional e psicológica sobre a filha, representando o sistema patriarcalista que oprime e controla as mulheres. Apesar das opressões, a protagonista busca resistir e realizar seus sonhos, como se formar como professora, evidenciando sua luta contra a dominação paterna.

No entanto, é possível perceber a permanência das opressões estão impregnadas na mulher. Mesmo após a morte do pai, a protagonista continua aprisionada e sem ânimo de construir sua própria história. Sendo assim, a leitura deste conto de Helena Parente Cunha levantou reflexões sobre a violência de gênero, sobre a necessidade de políticas de acompanhamento psicológico e social para as vítimas, além de estimular a luta contra o controle masculino sobre as mulheres.

O segundo conto analisado foi “Noite de núpcias”, que apresenta um retrato sobre a pressão que a mulher sofre, por parte do parceiro, para realizar o ato sexual, deixando evidente o desconforto da mulher, enquanto o homem demonstra indiferença aos sentimentos dela. Além disso, a protagonista expressa medo e trauma em relação ao ato sexual, sugerindo experiências passadas de abuso ou assédio, possivelmente na infância.

Isso é corroborado por trechos que sugerem interações inapropriadas por parte de um adulto, possivelmente seu pai. Também resgatamos que o conto aborda questões relacionadas à sexualidade feminina em uma sociedade patriarcal, em que as mulheres

são incentivadas a ocultar seus desejos sexuais e a serem recatadas, enquanto os homens são encorajados desde cedo à vida sexual ativa. Portanto, nesta análise, buscamos enfatizar a importância do respeito e consentimento sexual, denunciando a opressão masculina, os traumas sexuais e a presença de visões patriarcais, com intuito de promover conscientização e reflexão sobre essas questões. Além disso, com essas análises, despertamos para uma luta que é de toda a sociedade: lutar pelo direito de apoio psicológico para todas as mulheres que sofreram abusos e traumas durante qualquer fase da sua vida, pelo simples fato de serem mulheres.

O terceiro conto analisado, “Festa de casamento”, aborda a questão da submissão feminina em relação à pressão familiar e social. Isso pode ser exemplificado na decisão da protagonista de abandonar seus estudos e se casar, demonstrando como as mulheres são frequentemente privadas de sua independência e autonomia. Notamos que o pai e a mãe da noiva evidenciam os resquícios dos valores patriarcais, colocando o homem como líder da família e reforçando a pressão sobre a protagonista para seguir o destino determinado pela sociedade.

O diferencial desta narrativa é o desfecho: a protagonista, mesmo diante das pressões, decide se libertar durante a festa de casamento, o que representa um ato de busca pela liberdade e autonomia feminina. A partir da leitura deste conto notamos que a autora busca promover conscientização sobre temas como respeito e consentimento sexual, opressão masculina, traumas sexuais e visões patriarcais promover mudanças sociais.

Também buscamos dar atenção à estética adotada nos contos em questão. Como o uso do discurso direto nos três contos, em “O pai” e “Noite de núpcias” há uma dualidade temporal, pois apresentam dois planos temporais, alternando entre diálogos no presente e flashbacks do passado da vida da protagonista. Enquanto festa de casamento se destaca pela organização em uma espécie de bloco de discursos diretos, sem travessão e misturados. Tais técnicas revelam o diferencial de escrita de Helena Parente Cunha.

A partir dos três contos enfatizados neste trabalho, extraímos retratos fiéis de diferentes momentos da vida de uma mulher, o que permitiu que enxerguemos que a violência de gênero, seja ela psicológica ou física, pode acontecer na infância, na adolescência, na juventude, e que pode acarretar sérios traumas e problemas, em qualquer âmbito da vida de uma mulher adulta. O que tornou válida a hipótese inicial deste trabalho.

REFERÊNCIAS

Bandeira, Lourdes. **A contribuição da crítica feminista à ciência**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2008.

Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Carvalho, Soraya S. de. **Poesia em sala de aula mediada pela intertextualidade e pelas TDIC**. Itabaiana, SE: UFS, 2016.

Dutra, Héllen. **A trajetória de um corpo liberado, a propósito do conto “O Triângulo mais que perfeito”, de Helena Parente Cunha**. Revista Gatilho, v. 4, 2006.

Ferreira Neto, M. Aparecida. **O feminismo na visão de Helena Parente Cunha, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti**. Juiz de Fora, 2015.

Garcia, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

Goulart, Rosa Maria. **O conto: da literatura à teoria literária**. Forma breve, 2003, p. 7-13.

Habigzang, Luísa Fernanda et al. **Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 21, p. 338-344, 2008.

Krenkel, Scheila. **Violência contra a Mulher, Casas-Abrigo e Redes Sociais: Revisão Sistemática da Literatura**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Jul/Set. 2017, v. 37, nº3, 770-783, Florianópolis, SC.

Leiro, Lúcia Tavares. **A família na literatura baiana de autoria feminina contemporânea um estudo feminista sobre as narrativas de Sonia Coutinho e Helena Parente Cunha**. Salvador, 2003.

Lima, Lílian A. de O. **Perfis femininos nos contos de Helena Parente Cunha**. Feira de Santana, 2006.

Lima, M. G de; Oliveira, M. F. de. **Helena Parente Cunha e Lucilene Machado: duas experiências de narrativas do corpo feminino no conto brasileiro contemporâneo**. Letras de hoje, Porto Alegre, 2021.

Lira, Margaret O. de S. C. et al. **Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta**. UFBA, Salvador, BA, 2017.

Martinez, F. J. **Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2021.

Parente Cunha, Helena. **As doze cores do vermelho**. 3º ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

Parente Cunha, Helena. **Corpo no cerco**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
Parente Cunha, Helena. **Os provisórios**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1990.

Ramalho, Christina. **Caminhos de quando e além, de Helena Parente Cunha**. In: Natário, Celeste; Bezerra, Cícero Cunha; Carlos, Elter Manuel; Epifânio, Renato. *Errâncias de um imaginário: entre o Brasil, Cabo Verde e Portugal*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015, p. 118-139.

Ramalho, Christina. **O eu lírico em expansão: a produção lírica de Helena Parente Cunha**. In: Monteiro, Maria Conceição & Lima, Tereza Marques de Oliveira. *Entre o estético e o político: a mulher nas literaturas clássicas e vernáculas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006, p. 257-266.

Ribeiro, E. E.; Moreschi, J. E; Ribeiro, N. M. E. **Literatura brasileira: a poesia como denúncia social**. Alta Floresta, MT, v. 1, n. 2 (2012).

Santana, M. dos S. **Uma reflexão freudiana acerca da personagem feminina de Helena Parente Cunha no conto “O pai”**. Revista Graphos, vol. 15, nº 2, 2013.

Santos, Mayara M. S. dos. **O curso das águas nos mares de Helena Parente Cunha: Os Provisórios e Vento Ventania Vendaval**. Dourados, MS : UFGD, 2022.

Souza, W. Z. **Representações da mulher em obras de Helena Parente Cunha, Lygia Fagundes Telles e Marina Colasanti**. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

Trama Literária. CRÍTICA FEMINISTA // feminismo. Youtube, 12 de maio de 2021. 18min33s. Disponível em: <<https://youtu.be/1ufNztM4inY?si=3SLtIyTKccunLpxt>>. Consulta realizada em: 20/12/2023.

Torres, Maximiliano. **“Mulheres à deriva”:** relações de gênero nos contos **“O pai”, de Helena Parente Cunha, e “A casa dos mastros”, de Orlanda Amarílis**. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.13, n. 2, pp. 156-174, agosto/dez, 2015.

Zinani, C. J. Albert. **Crítica feminista: lendo como mulher**. Revista Fronteira, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

Zinani, C. J. Albert. **Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura**. IX Seminário Internacional de História da Literatura, p. 407-415, 2012.

Zirbel, Ilze. **Ondas do Feminismo**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 2, 2021, p. 10-31.